

PROFESSOR ERON



RÚSSIA X UCRÂNIA

A crise entre Ucrânia e Rússia, uma das mais graves em solo europeu nas últimas duas décadas, deixou expostas antigas divergências estratégicas entre Moscou e os países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), que podem levar a um conflito armado potencialmente perigoso não apenas para a região, mas para segurança e estabilidade de todo o mundo. Conheça abaixo a origem da crise e as opções dos envolvidos.



Em 2004, a Revolução Laranja

Em 2004 uma série de protestos tomava conta da Ucrânia, motivados por denúncias de corrupção nas eleições presidenciais do país.

A disputa foi vencida por **Viktor Yanukovych**, concorrendo contra **Viktor Yushchenko**.

Os partidários de **Yushchenko** usavam, nos protestos, uma fita laranja.

Já **Yanukovych** tinha o apoio da Rússia



A Rapunzel da Ucrânia



Iulia Timochenko, foi primeira-ministra do país entre 2007 e 2010, tendo sido aliada direta de Viktor Yushchenko, na Revolução Laranja.

Em 2011 veio à atenção internacional quando foi **presa** sob **acusação de abuso de poder** e a pagar uma pesada multa, fruto de um mal fadado acordo de compra de gás com o governo russo de **Vladmir Putin**

A sombra de Iúlia, em 2013



Durante os protestos no fim de 2013, imagens de Iúlia Timochenko eram comuns entre manifestantes de oposição ao governo Yanukoviych e à Rússia

ORIGENS

DO CONFLITO

A Rússia e a ex-república soviética da Ucrânia vivem uma relação turbulenta desde a primeira década deste século, com a alternância em Kiev de presidentes favoráveis ao Ocidente e aliados de Moscou. Em 2013, por pressão da Rússia, o governo ucraniano desistiu de um acordo que poderia pavimentar a entrada do país na União Europeia. Isso levou a uma revolta nas ruas e à queda de Viktor Yanukovich, alinhado ao Kremlin.





Os anos seguintes foram marcados pela anexação pela Rússia da Península da Crimeia, sede da frota russa no Mar Negro e que havia sido cedida à Ucrânia na era soviética; pelo conflito entre separatistas pró-Moscou e o Exército local no Leste ucraniano; e pela retomada da candidatura de Kiev a uma vaga na Otan. Sob críticas de Moscou, o país estreitou seus laços com a aliança, e Vladimir Putin apontou que a adesão seria uma “linha vermelha”. A Rússia também está incomodada com as recentes aquisições de armas por Kiev, incluindo drones de ataque turcos, e com seu possível uso contra os separatistas no Leste do país.

Em novembro de 2021, percebendo uma oportunidade nas dificuldades enfrentadas pelo governo de Joe Biden e suas divergências com os aliados europeus sobre como lidar com Moscou, Putin concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, soando alarmes em Kiev, em Washington e na Europa de que estaria prestes a uma invasão de larga escala.

Ucrânia e Rússia: Poderio militar

	Ucrânia 	Rússia 
Soldados	1.100.000	2.900.000
Ativa 	200.000	900.000
Reserva* 	900.000	2.000.000
Aeronaves de ataque 	98	1.511
Helicópteros de ataque 	34	544
Tanques 	2.596	12.240
Veículos blindados 	12.303	30.122
Artilharia 	2.040	7.571

* Obs: a reserva inclui pessoas que serviram nos últimos cinco anos

Fonte: Global Firepower, IISS, Military Balance

Onde as tropas da Rússia estão posicionadas

Unidades permanentes e recém-chegadas

■ Unidades recém-chegadas (números não confirmados)



Fonte: Rochan Consulting

BBC

Veículos montados em Klimovo, Bryansk

19 de janeiro



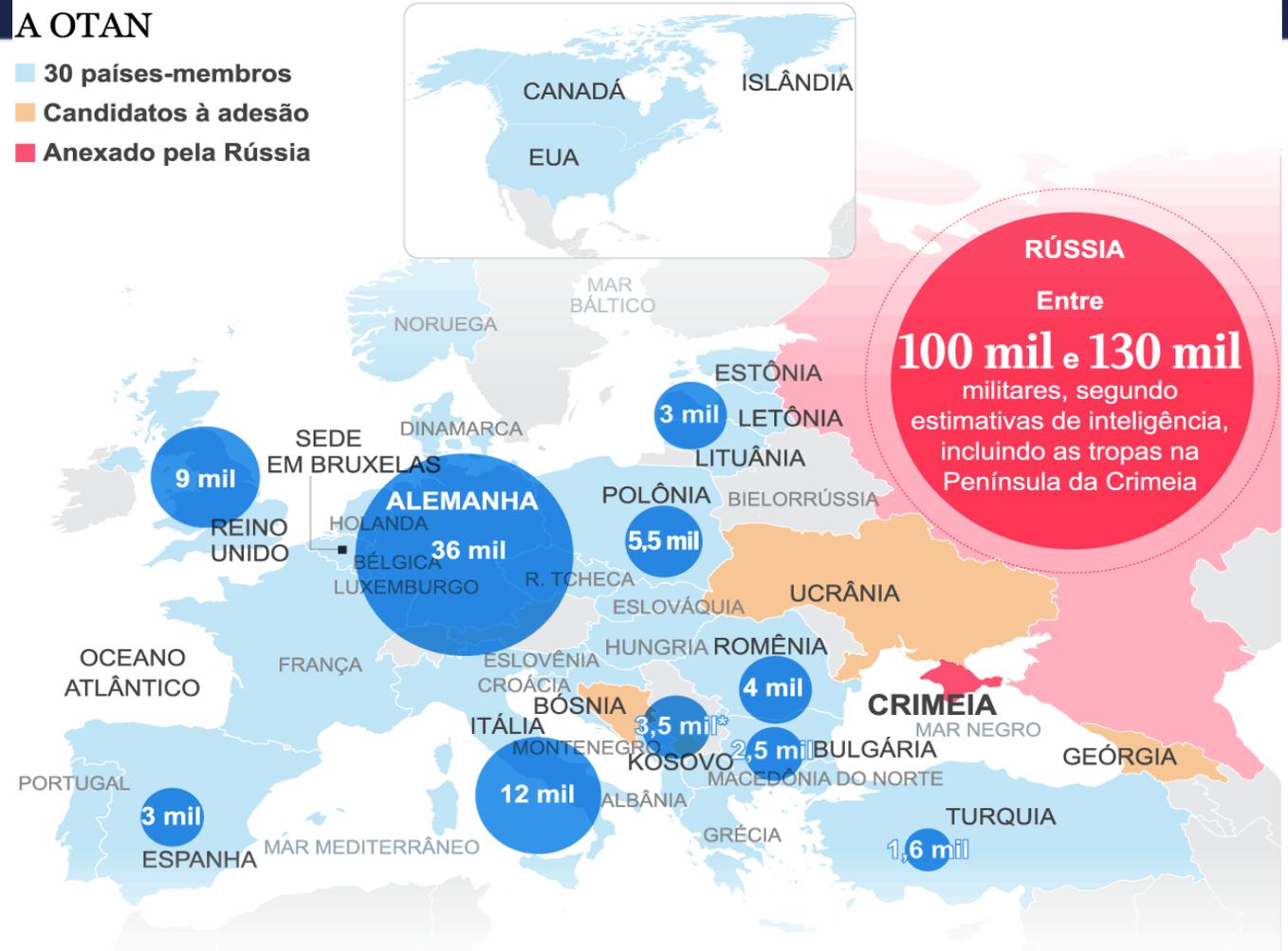
Imagem: Maxar

BBC

Forças de Moscou estão em áreas de fronteira desde o ano passado, contando com novos destacamentos temporários, enquanto a aliança tem presença militar em nações próximas às divisas russas.

A OTAN

- 30 países-membros
- Candidatos à adesão
- Anexado pela Rússia



* Militares na Força de Pacificação do Kosovo

Fonte: Otan, Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA, Reuters

INTERESSE DA RÚSSIA

Entre as “demandas de segurança”, apresentadas à Otan, a Rússia exige um veto permanente à entrada da Ucrânia na aliança, mas essa é apenas uma parte dos objetivos do país. Putin critica a expansão da organização rumo às fronteiras russas, que vem desde o fim da União Soviética em 1991, e cita uma suposta promessa feita pelos EUA, nos anos 1990, de que o “limite” da Otan seria a Alemanha então recém-reunificada, algo que Washington nega.

Para Putin, as forças da Otan e dos EUA deveriam deixar os países do Leste europeu e suspender exercícios perto das fronteiras russas. Analistas veem nisso uma forma de a Rússia ver “oficializado” seu status de potência, com o reconhecimento de que as antigas repúblicas soviéticas na Europa são sua área de influência, mesmo sem considerar que muitas nações dessa região estão alinhadas ao Ocidente.

POSIÇÃO DA OTAN

A aliança não deu resposta às demandas da Rússia, mas alguns pontos parecem inegociáveis: o veto à entrada da Ucrânia, que significaria o rompimento da política de “portas abertas”; a retirada das forças do Leste europeu e, por fim, o status das armas nucleares localizadas em nações como a Alemanha e a Turquia.

Contudo, analistas veem um caminho para a redução das tensões: a negociação, e em alguns casos renegociação, de acordos de segurança coletiva, a começar por um novo tratado sobre as armas nucleares de alcance intermediário — o texto anterior, de 1987, foi rasgado por Donald Trump em 2019, assim como outros acordos do tipo. O estabelecimento de novos termos poderia ser um caminho para manter o canal de diálogo aberto enquanto soluções duradouras não são obtidas.

Um ponto claro é que provavelmente não haverá o envio de forças da aliança liderada pelos EUA para lutar ao lado dos ucranianos, como Biden reiterou nesta terça. Afinal, apesar das boas relações, a Ucrânia não é parte da Otan, e não se beneficia do chamado Artigo 5º, que considera um ataque contra um dos membros como um ataque a todos.

Além disso, embora a Rússia seja considerada uma adversária pelo governo Biden, a Ucrânia não tem para Washington a importância estratégica que tem Taiwan, por exemplo, cujo autogoverno atual impede que a China controle o estreito vital que a separa da ilha.

Ao aumentar seu contingente no flanco oriental, a Otan pretende passar uma imagem de união para Moscou, sinalizando que a pressão sobre os ucranianos não servirá para inibir sua presença na área. Analistas apontam que novos e grandes exercícios da aliança também podem ocorrer em breve em regiões como o Mar Negro.

A prioridade é a aplicação de sanções. Medidas contra o governo, incluindo contra Putin, seriam os primeiros passos, e incluiriam depois o corte do acesso dos bancos russos aos sistemas de pagamento internacionais. Em termos militares, a aliança poderia ampliar o envio de armas a Kiev e fomentar grupos armados de resistência, hipótese levantada por congressistas americanos.



OPÇÕES RUSSAS

A Rússia nega ter planos de uma nova invasão, mas analistas acreditam que, caso Putin decida cruzar as fronteiras, será uma operação rápida, com ataques contra alvos estratégicos, com o objetivo de humilhar as forças ucranianas e mostrar que o Ocidente não é tão aliado assim. Um conflito longo, com muitas baixas, não é do interesse de Moscou, e poderia trazer abalos internos para Putin.

Ao mesmo tempo, Moscou tem cartas na manga: sanções econômicas do Ocidente seriam respondidas com o corte no fornecimento de gás natural à Europa, ampliando a crise energética no continente — as reservas internacionais, de US\$ 630 bilhões, também serviriam de colchão inicial às sanções.



O Kremlin pode intensificar seus laços com a China, que também enfrenta disputas com os EUA, e repetir um roteiro visto nos anos 1960, com um eventual (mas pouco provável) posicionamento de bases em Cuba e na Venezuela. Mas mesmo os mais belicosos falcões do Kremlin reconhecem que, embora as opções pareçam sugestivas, uma guerra tem o potencial de desestabilizar a segurança internacional, com efeitos nocivos inclusive para a Rússia.

POSIÇÃO DA EUROPA

O ponto central, especialmente para a Alemanha, é a energia. O país depende do gás importado da Rússia para atender sua demandas interna, e está prestes a inaugurar um novo gasoduto, o Nord Stream 2, que cruza o Mar Báltico, ampliando o fornecimento para os europeus. O projeto, hoje concluído mas sem autorização para operar, chegou a ser alvo de sanções dos EUA no passado.





Há também questões em torno do alinhamento a Washington. Um maior alinhamento é defendido por Reino Unido, hoje fora da União Europeia, e pelas nações do Leste europeu, que temem o expansionismo russo. Do outro lado, países como a França ressaltam a necessidade de autodeterminação e autonomia do bloco. O presidente Emmanuel Macron quer conduzir um diálogo diplomático entre Rússia e Ucrânia, e mostrar que a Europa consegue resolver suas próprias crises sem a participação americana.

E A UCRÂNIA?

As opções para a Ucrânia são poucas e, em sua maioria, pouco atraentes. A entrada para a Otan, mesmo sem considerar a oposição de Moscou, é hoje improvável, resultado da pouca confiança nas autoridades em Kiev e do cenário estratégico regional. A promessa de fornecimento de armas se resume a equipamentos defensivos, e nem os EUA parecem dispostos a um envolvimento mais amplo. Enfrentar os russos no campo de batalha não é uma opção plausível, dadas as diferenças entre os dois arsenais.

Por isso, um número crescente de analistas defende uma solução com precedentes históricos: a neutralidade da Ucrânia, seguindo os passos de países como a Finlândia. Isso poderia acalmar os ânimos de Moscou, mas a ideia encontra resistências em Kiev. Há ainda uma outra hipótese: o uso de um estudo da Otan, de 1995, que condiciona a admissão de membros à resolução de conflitos internos — isso manteria as portas da aliança abertas a Kiev, mas atrasaria muito uma eventual entrada.



<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/30/russia-x-ucrania-entenda-as-origens-da-tensao-entre-os-dois-paises.ghtml>